

O assombroso e o real maravilhoso na narrativa oral amazônica *A Mulher Árvore*

The haunting and the wonderful real in Amazon oral narrative The Tree Woman

Larissa Gotti Pissinatti¹

Sonia Maria Gomes Sampaio²

Mara Genecy Centeno Nogueira³

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o elemento assombroso e sua relação com o real maravilhoso na narrativa oral *A Mulher Árvore*, popularmente conhecida na região de Porto Velho-Rondônia. No decorrer da dominação da região amazônica, as mulheres pretas e indígenas foram invisibilizadas, seus corpos objetificados e explorados, revelando práticas duplamente colonizadoras nas relações de gênero e nas diferenças étnicas evidenciadas nas narrativas que circulam na região. A figura assombrosa da mulher, em forma de árvore, aproxima sua imagem ao monstruoso. Esse mesmo monstruoso integra o elemento maravilhoso que faz surgir da árvore uma mulher. Os resultados indicam que, no processo de inferiorização da mulher na região amazônica, o medo apresentado na figura assombrosa - e, não raras vezes, monstruosa e bruxesca - foi e continua sendo estrategicamente utilizado em práticas colonizadoras nas relações de gênero, de forma sistêmica e estrutural, mantendo atitudes patriarcais e machistas em relação à mulher.

Palavras-chave: Mulher; Narrativa oral; Assombroso; Real maravilhoso; Amazônia.

Abstract: This article aims to analyze the haunting element and its relationship with the marvelous real into the oral narrative *The Tree Woman*, popularly known in the Porto Velho-Rondônia region. Throughout the domination of Amazonia, black and indigenous women have been made invisible, their bodies objectified and exploited, revealing doubly colonizing practices in gender relations and ethnic differences evidenced in the narratives circulating in this region. The haunting figure of the woman, in the shape of a tree, brings her image closer to the monstrous. That same monstrosity is part of the marvelous element that makes a woman emerge from the tree. The results indicate that, in the women's inferiorizing process in the Amazon region, the fear presented in the haunting - and often monstrous and in a witch shape - was and continues to be strategically used in colonizing practices in gender relations, in a systemic and structural way, maintaining patriarchal and sexist attitudes towards women.

Keywords: Woman; Oral narrative; Haunting; Wonderful reality; Amazon.

Introdução

As narrativas da região amazônica são parte constitutiva da cultura e, até os dias atuais, continuam a povoar significativamente o imaginário dos sujeitos que vivenciam o

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia. Email: larissa.pissinatti@unir.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>. Pesquisa realizada com o apoio e financiamento da Capes/Procad-AM/UFRR/UNIR.

² Professora Doutora do Departamento de Letras Vernácula da Universidade Federal de Rondônia – DALV/UNIR, vice coordenadora do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL). Email: sonia.sampaio@unir.br ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>.

³ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Email: maracenteno@unir.br <https://orcid.org/0000-0003-0660-2128>.

pertencimento a essa região. Nesse sentido, Pizarro (2012) afirma que, na Amazônia, a articulação entre o simbólico construído nas comunidades e os valores culturais se constitui em uma alternativa de fortalecimento e manutenção da poética amazônica. Em concordância com a citada autora, consideramos que analisar as narrativas nascidas da cultura popular na região amazônica nos permite descortinar processos de construção cultural, bem como sua manutenção e fortalecimento.

Neste artigo, exploramos mais intensamente o elemento assombroso e sua relação com o real maravilhoso na narrativa *A Mulher Árvore*, popularmente conhecida na região de Porto Velho-RO, a fim de investigar a relação da construção assombrosa da mulher amazônica a partir do campo do insólito presente, não raras vezes, nas narrativas amazônicas e sua relação com a colonização de gênero que, no processo de exploração e dominação da Amazônia, inferiorizou a mulher de tal forma que a coisificou, objetificando-a, tornando-a uma moeda de troca, uma mercadoria, um produto manipulável, fortalecendo, assim, a subjugação e as atitudes opressoras nas relações de gênero na região (SOUZA, 2019).

A Mulher Árvore é conhecida como alguém que veio para Porto Velho-RO e acabou se suicidando por tristeza frente às dificuldades enfrentadas com doenças e o desejo de retornar para sua terra natal. No artigo *Cruz credo! Lendo a cidade de Porto Velho por meio de narrativa de assombração*, Nogueira e Sampaio (2020) relatam a história e apresentam a Mulher Árvore, descrevendo-a conforme o excerto abaixo:

[...] uma mulher, amante de um engenheiro da ferrovia, que não gostava de viver em Porto Velho e, em constante tristeza, se suicidou no espaço ferroviário. Seu corpo foi enterrado no Cemitério da Candelária na condição de pecadora, pois não era casada. Como castigo, seu túmulo arrebentou-se e recebeu uma frondosa castanheira que, em noite de lua cheia, se transformava na Mulher Árvore. Toda vez que a lua surgia, era possível ouvir choro e desespero da assombração. Nas narrativas, o choro denotava o pecado cometido em vida e podia ser ouvido por muitos moradores da cidade. Por onde passava, deixava rastro de destruição e assombro que só era aplacado pela ventania causada pelos encantados da floresta que a obrigavam a voltar para o seu túmulo (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020, p. 103-104).

No artigo de Nogueira (2015), intitulado *Histórias de assombração nos territórios da morte em Porto Velho na primeira metade do século XX*, encontramos também a narrativa em tela, apresentando elementos que evidenciam aspectos terríficos da Mulher Árvore:

Em uma noite de lua cheia uma seringueira imensa nascida em um dos túmulos do cemitério, criava vida e ganha formas de mulher. Quando isso acontecia despregava suas 6 raízes do solo que a prendia e passava a andar

cuidadosamente entre as quadras, túmulos de ferroviários que emergiam da terra [...]. De forma descomunal os galhos que davam forma aos cabelos, no momento da fúria viravam tentáculos fazendo-a assemelhar-se a Medusa. Locomotivas eram descarriladas e as oficinas do pátio ferroviário pareciam tremer com os solavancos que recebiam ao tempo em que se ouviam urros que pareciam choro. No momento de sua aparição, da floresta partia um vento forte que fazia com que a cena ficasse ainda mais horripilante aos olhos do pobre homem que já encolhido em um dos cantos da estação ferroviária mais parecia um duende de tão minúsculo que havia ficado frente à assombração e seus feitos. Diante do vento forte, muito forte que emanava da floresta a Mulher-Árvore era obrigada a se locomover para não cair [...] (NOGUEIRA, 2015, p. 6).

A percepção dos elementos monstruosos na figura da Mulher Árvore contribui para compreendermos a metáfora da colonização nas relações de gênero presentes na narrativa em questão, lançando nosso olhar para a circularidade da narrativa e seu impacto na construção do estético e dos valores culturais que embasam as práticas sociais do sujeito amazônida.

Analisar a figura da Mulher Árvore, sua transformação de mulher em uma árvore assombrosa, que desloca suas raízes do próprio túmulo e espalha o medo, é, de certa forma, acordá-la, a fim de compreender a formação sociocultural da sociedade amazônida. Nessa esteira, Cohen (2009, p. 28) assevera que:

[...] cada vez que o monstro acorda, sai do túmulo e se põe em marcha, a mensagem proclamada e transformada pelo ar que dá ao seu locutor nova vida [...], ou seja, o corpo monstruoso demanda um olhar de transformação, por isso, nossa tarefa é atender esse apelo “lítero-histórico”.

Ressalvamos que, quando utilizamos os termos ‘assombroso’ e ‘monstruoso’, não entendemos o monstruoso como uma característica que traga o sentido de perversidade ou de assombrar deliberadamente as pessoas, mas sim no sentido da produção do medo, do temor. Essa ressalva toma por base o seguinte pensamento de Tuan (2005, p 179-180):

Na mente pré-moderna, não há uma distinção clara entre divindades da natureza e ancestrais, ancestrais e fantasmas, fantasmas e bruxas, bruxas e assassinos, assassinos e assaltantes, assaltantes e animais selvagens. Onde as forças da natureza são benevolentes e previsíveis, as pessoas as reconhecem como divindades. Onde são ferozes e erráticas, as pessoas as chamam de demônios [...]

Assim, com vistas a responder à problematização do tema aqui abordado, organizamos nossa reflexão em dois momentos: no primeiro, tratamos da noção de real maravilhoso e sua relação com aspectos decoloniais, apresentando a relação da cultura com o insólito presente na

narrativa em foco; no segundo, analisamos mais verticalmente a narrativa, refletindo sobre o monstruoso como um elemento subversivo na figura da Mulher Árvore.

1. O real maravilhoso e sua relação com a decolonialidade

Nas narrativas orais da região amazônica, o insólito é um elemento presente e coaduna com aspectos da cultura regional. O aspecto irreal se liga ao real, pelo fato de não serem contraditórios e por estabelecerem uma relação dialética, singularizando as produções narrativas que surgem das comunidades e do meio popular. Loureiro (2015) aponta essa ideia quando trata da noção de *sfumato* e zona difusa, ou seja, uma zona em que o real e o irreal se encontram, o natural e o sobrenatural são uma única expressão. É nesse contexto que situamos o elemento mágico/sobrenatural presente nas narrativas amazônicas.

Neste texto, propomos a compreensão das narrativas populares amazônicas como expressão do real maravilhoso, em consonância ao pensamento de Alejo Carpentier (2011), haja vista que esse autor cunhou o termo ‘real maravilhoso’ no contexto das produções literárias latino-americanas, como resposta problematizadora da noção de maravilhoso construída nos padrões do estruturalismo europeu, uma corrente que não considera os aspectos culturais dialetizados na construção entre o real e o irreal.

Segundo Carpentier (2011), o real maravilhoso é a expressão do mágico dentro da realidade, resultado da natureza exuberante da América e expressão dos aspectos culturais que contrastam com a realidade europeia: nas Américas, encontramos uma cosmogonia específica, criando um universo alternativo, em que o outro e o diverso são apresentados no universo ambíguo real/irreal, natural/sobrenatural.

Diferentemente da perspectiva cosmológica europeia (baseada na perspectiva cristã da realidade), nas Américas, no contexto do real maravilhoso, o elemento insólito se torna uma resposta ao descumprimento à cosmovisão cristã, justificando, de forma causal, o elemento sobrenatural presentes nas narrativas. Então, o irreal, o difuso, o mágico e o dialético presentes nesses contos se constituem como um instrumento (mais que estético), também pedagógico, nas comunidades da região Amazônica.

Para Carpentier (2011), no real maravilhoso, a causalidade mágica pode ser contestadora e desconcertante, evidenciando elementos de subversão à cultura dominante. Nessa baila, consideramos que as narrativas orais amazônicas, enquanto expressão do real maravilhoso, se relacionam com o contexto da abordagem crítica dos estudos pós-coloniais/decoloniais.

Em consonância às ideias de Carpentier (2011) sobre o real maravilhoso, Ascroft, Griffith e Tiffin (1991), em sua obra *The empire white back*, citam que o autor e ativista haitiano Jacques Stephen Alexis, em setembro de 1956, no primeiro congresso dos escritores e artistas negros, apresentou um estudo em produções literárias dos povos colonizados do Haiti, enfocando a problematização de elementos que ele denominou “realismo maravilhoso dos povos haitianos”. Ao fundamentar a noção de realismo maravilhoso, Alexis expôs argumentos que reforçam as ideias de Carpentier (2011), demonstrando a existência de uma síntese entre a cultura europeia, africana e ameríndia nos escritos haitianos. Considerando as noções de interculturalidade e sincretismo cultural, essa ideia reforça a origem de uma estética própria do povo latino-americano, em que o sobrenatural, o maravilhoso e os aspectos da realidade social dialogam, gerando uma cosmovisão singular da cultura latino-americana, subvertendo a cosmovisão europeia.

As narrativas que circulam no meio popular na cultura amazônica, a exemplo de *A Mulher Árvore*, podem ser compreendidas como uma expressão singular; logo, essa forma latino-americana de narrar, expressa por Carpentier (2011) como manifestação do “real maravilhoso”, pode ser entendida também como uma construção que parte de elementos constituidores da expressão cultural dos povos da Amazônia.

O estabelecimento do caráter dialético do insólito presente nessas narrativas apresenta uma cosmogonia também específica, em que o cosmo não é compreendido de forma dualística, ou seja, o real e o irreal, o natural e o sobrenatural estão integrados e são parte dos valores culturais, impactando as práticas sociais.

Além disso, ao manifestar elementos da cultura na articulação denominada “sincretismo criativo” (ASCROFTH; GRIFFIT; TIFFIN, 1991), essas narrativas também podem evidenciar a metaforização das relações de poder, dos processos de dominação de opressão, distanciando-se de uma narrativa puramente ficcional ou construída apenas para fins morais, de função coercitiva sobre os valores e práticas sociais nas comunidades.

Para aprofundar essa discussão, apresentamos, a seguir, a relação do insólito na presença do real maravilhoso expresso na narrativa *A Mulher Árvore* e sua relação com o assombroso e o monstruoso como manifestação de uma metáfora da colonização da mulher no processo de dominação da região amazônica.

2. A Mulher Árvore: o real maravilhoso subversivo

A Mulher Árvore é uma figura assombrosa, que causa medo naquele que a encontra em razão de seu aspecto assustador. A transformação da mulher em uma árvore que se desloca, movendo suas raízes, tendo suas mãos transformadas em galhos, situa a personagem Mulher Árvore no campo do monstruoso, no contexto de uma cultura atingida pelo processo de dominação e exploração estrangeira; é mister salientar que a aparição acontece em um cemitério onde eram enterrados os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

A mulher (que tem o corpo transfigurado em uma árvore horripilante) não aceitava a condição de viver longe de seus familiares e, além disso, tendo migrado para a região amazônica, passou por várias privações e doenças em decorrência da pobreza e exploração que afetavam a todos os trabalhadores que vinham a essa região em busca de melhores condições de vida.

Entendemos que o surgimento de uma narrativa na qual a mulher é transformada em uma figura monstruosa é também revelador de aspectos culturais que evidenciam o processo de dominação e exploração da Amazônia. Segundo Cohen (2000), as culturas podem ser compreendidas a partir dos monstros que elas mesmas criam. Nas palavras do autor:

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural - de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora – de modo bastante literal – medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrum é, etimologicamente “aquele que revela”, “aquele que adverte [...]” (COHEN, 2000, p. 27).

O sentido do monstruoso, neste caso, está ligado ao desgosto da mulher por ficar em uma região assolada pelas doenças, fome e pobreza, pela inferiorização sofrida acompanhada da opressão por ser mulher, tendo seu nome civil invisibilizado: enquanto viva, era conhecida como “a amante” e, após a morte, como a Mulher Árvore, uma criatura monstruosa e assombrosa, desfigurada pela dor de suas vivências enquanto mulher.

Na narrativa *A Mulher Árvore*, a assombração surge com caráter monstruoso, apresentando, inclusive, algumas características que lembram aspectos bruxescos, como o cabelo em forma de galhos e que também se transformam em mãos, em forma de tentáculos, lembrando os cabelos de Medusa (NOGUEIRA, 2015). Nesse contexto, a mulher passa a

despertar medo, a representar um perigo que intervêm com malignidade, além de estar diretamente relacionada aos seres infernais, ficando isolada socialmente.

Relacionada à narrativa da Mulher Árvore, temos a figura de Maibi, na obra *Inferno Verde*, de Alberto Rangel (2001). O conto *Maibi* trata de uma mulher vendida por seu próprio marido na região do seringal. Um dia, ao caminhar pela floresta, um homem observou uma mulher de costas, presa a uma árvore. Ele reconheceu Maibi e ficou impressionado com a transformação da mulher em árvore: árvore com corpo de mulher; mulher corporificada em uma árvore, que, como a seringueira, vertia sangue pelas costas. Observemos o trecho em destaque:

Zé Magro avista uma “Uma mulher, completamente despida, estava amarrada à certa seringueira. Não se lhe via bem a face na moldura lustrosa, em jorro negro e denso de cabelos fartos [...] Atado com uns pedaços de ambécima à “madeira” da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica [...] tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha morta. Nos recipientes o leite estava coalhado - um sernambi vermelho...Tinha esse espetáculo de flagício inédito a grandeza emocional e harmoniosa de imenso símbolo pagão, com a aparência de holocausto cruento oferecido a uma divindade babilônica, desconhecida e terrível. É que, imolada na árvore, essa mulher representava a terra [...] (RANGEL, 2001, 135-136).

As personagens Maibi e Mulher Árvore apresentam diversas similaridades; contudo, destacamos aqui o processo de colonização e exploração da Amazônia evidenciado nessas narrativas, em que ambas as mulheres estão ligadas à árvore e, de forma tenebrosa, causam horror e medo. Maibi, no contexto da exploração da seringa, que sangra misturada à seiva, é interpretada pelo autor como uma mártir pagã e, em contraposição aos valores cristãos, a cruz é simbolizada pela árvore a que seu corpo se coadunou; a Mulher Árvore, na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, se apresenta como uma assombração e sai do túmulo, com seus galhos-tentáculos e suas pernas em forma de longas raízes se deslocando e elevando o solo.

A transformação da mulher em uma figura monstruosa, em forma de árvore tenebrosa e que causa medo, evidencia o caos e o que há implícito nas relações de gênero no contexto de dominação e exploração da Amazônia, escancarando a opressão e as atitudes colonizadoras do homem em relação à mulher. Nessa relação, a mulher não é protagonista, mas sim uma subalterna do homem.

Na figura da Maibi, a seringueira que se transforma em mulher é uma árvore que, assim como a castanheira, foi extremamente explorada e brutalmente solapada de seus espaços para fins capitalistas; essa mesma exploração se deu - e ainda se dá - com o corpo da mulher. Conforme Jeha (2007, p. 7), os monstros metaforizam a maldade e “[...] corporificam tudo o que é perigoso e horrível na experiência humana. Eles nos ajudam a entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio [...]”, ou seja, a deformidade corporifica a sombra, o medo, o não-dito, o caótico. Nessa linha de raciocínio, concordamos com a autora quando ela afirma que o monstro é um ser transgressor, que subverte o que é negado socialmente, um ser de contestação, que perturba com seu corpo. Jeha (2007, p. 22) ainda argumenta que:

Monstros fornecem um negativo da nossa imagem de mundo, mostrando-nos disjunções categóricas. Dessa maneira, eles funcionam como metáforas, aquelas figuras do discurso que indicam uma semelhança entre coisas dessemelhantes, geralmente juntando elementos de diferentes domínios cognitivos [...].

Desse modo, podemos considerar que a figura do monstro é uma eventualidade que exerce um estranhamento. Além disso, a anormalidade, a deformidade, a presença do elemento insólito e o horror tornam o monstro, um ser associado à malignidade. Na concepção de Bellei (2000), a ideia de ‘diferente’ abarca todo aquele que não está nos padrões da cultura dominante e, por isso, é considerado monstruoso. Para o autor, a deformidade apresenta divergência em relação à norma e pode ser caracterizada pelo excesso ou pela falta. Nesse sentido, o monstruoso está sempre relacionado ao conceito de fronteira. Bellei (2000, p. 14) afirma que, “[...] associado constantemente ao conceito de fronteira, o monstro atende a necessidades históricas diversas em diferentes momentos e pode ser utilizado para uma melhor compreensão de tais necessidades”.

O “monstrar” da monstruosidade é a revelação daquilo que é negado. Essa via negativa no modo de compreender o monstruoso tem suas origens na cultura medieval, com a concepção cristã, que reforça a divergência do monstro em relação aos valores cristãos. A deformidade é ligada ao diabólico e, portanto, o divergente é também incoerente com os valores cristãos; então, todo ser fronteiro está situado entre o natural e o divino, constituído por uma forma híbrida (meio humano e meio monstro) que o torna inferior e excluído da sociedade (BELLEI, 2000).

Essa noção diverge da concepção e compreensão que o povo amazônica tem de suas entidades, seres encantados e assombrações presentes na região. O processo de sincretismo cultural apontando por Carpentier (2011) - denominado por Ascroft, Griffin e Tiffin (1991)

como sincretismo criativo - apresenta elementos de diferentes culturas (como a africana, a indígena e a europeia), dando origem a narrativas com uma construção própria da Amazônia. Podemos afirmar que nessas narrativas há uma concepção que não necessariamente elege o monstruoso como algo ruim ou relacionado ao diabólico, haja vista que essas entidades podem ser malinozas ou benevolentes (MAUÉS, 1999).

Contudo, o processo de colonização solapou a perspectiva positiva que esses seres poderiam apresentar culturalmente, introduzindo a visão cristã-europeia acerca das criaturas divergentes e/ou monstruosas, associando ao maléfico tudo o que é híbrido e insólito relacionado à natureza.

Demonizar os seres encantados, as entidades e assombrações dos povos autóctones e dos migrantes que construíram narrativas nos seringais, pelos beiradões e quilombos, foi uma estratégia colonizadora de destruição, para dominar e minar todos os elementos culturais que não fossem europeus e cristãos. O insólito explicava os infortúnios para o povo não-europeu; no entanto, o elemento mágico, não correspondente aos valores cristãos, era relacionado a seres infernais ou que tangenciavam a malignidade e, portanto, deveriam ser evitados (ROCHA, 2015).

Nesse cenário, o período da inquisição, quando ocorreu a caça às bruxas, teve um papel relevante na institucionalização de ideias que, posteriormente, ao longo do processo de colonização da Amazônia, impactaram na condenação dos seres encantados e entidades dos povos das Américas e de outras regiões do mundo, como os africanos e os indianos. Essa negação se expandiu a partir da condenação de mulheres como bruxas/feiticeiras.

No prefácio da obra *Mallius Malleficarum (O Martelo das Feiticeiras)*, de Kramer e Sprenger (tradução de Paulo Fróes, em 2023, originalmente publicado em 1487), Byington (2023) diz que esse documento expressa a “projeção das sombras” que o humanismo cristão não conseguiu superar, condenando toda forma de manifestação não-cristã de compreensão da criação. Inclusive, todo o poder de agir sobre os astros e sobre animais e objetos apresenta na mulher a influência do diabo e que, por vontade, ela pactua com os seres infernais, desenvolvendo o poder de controlar e agir sobre a natureza invertendo a ordem cósmica, sendo compreendida como a causa do mal.

Kramer e Sprenger (2023) justificam a razão pela qual os seres humanos são influenciados por forças malignas em certas fases da lua recorrendo à Aristóteles e escritos de São Jerônimo, segundo os quais, de acordo com sua fase, a lua pode incitar os humores,

influenciando a mente das pessoas. É através dos astros que, por exemplo, a bruxa/feiticeira exerce influência sobre os humanos com os poderes concedidos pelo demônio.

Dessa forma, a presença do elemento assombroso, em noite de lua cheia, na figura de uma mulher, está relacionada a ideias que vão sendo construídas e narradas através da “Ítero-história” (COHEN, 2000). O monstruoso expresso na figura de uma mulher na forma de árvore manifesta um ato de subversão à cosmovisão cristã, pois revela a projeção do negado através da transformação da mulher em árvore.

Segundo Kramer e Sprenger (2023), a ideia da mulher frágil, indefesa e “mente fraca” traz noções que a ligam diretamente à inclinação para com os seres diabólicos. Sendo assim, o processo de inferiorização pode ser analisado como a subversão da mulher em árvore, evidenciando estruturas históricas misóginas construídas nas fronteiras das relações.

Assim, as personagens Mulher Árvore e Maibi podem ser interpretadas como uma figura monstruosa transgressiva, pois corporificam as fissuras históricas, o negado, as sombras que precisam ser cuidadas e assimiladas. Essa noção transgressiva se aproxima dos argumentos de Cohen (2000), ao afirmar que o monstro é um fragmento do ambíguo, onde medo e atração se encontram, revelando partes da humanidade com as quais ela própria não conseguiu lidar. Então, podemos dizer que o monstro é uma projeção daquilo que desejamos e, desse modo, eles demandam “reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos” (COHEN, 2000, p. 55).

Em sua manifestação real maravilhosa, a Mulher Árvore se constitui a partir da mistura de seu corpo com a árvore. Na visão de Michelet (2019, p. 11), “as plantas são, metaforicamente, membros do seu próprio corpo”. Nesse viés, entendemos que a manifestação monstruosa da mulher, sua força e expressão, como um ser híbrido - meio humana e meio árvore -, fazem dela um ser subversivo à noção de fragilidade patriarcalmente construída.

Portanto, concordamos com a afirmativa de Jeha (2007, p. 20): “[...] os monstros desempenham reconhecidamente, um papel político como mantenedor de regras sociais”, com isto, o monstro impõe os limites culturais e demanda observar o que está sendo negado.

Em nossa análise, concluímos que *A Mulher Árvore* não é tão somente uma narrativa amazônica assombrosa, haja vista que traz elementos da cultura local, da opressão nas relações de gênero em relação à mulher no contexto de colonização da Amazônia. Em sua

monstruosidade, a Mulher Árvore, enquanto personagem, carrega uma função subversiva e descolonizadora das atitudes opressoras em relação à mulher.

Considerações Finais

A Mulher Árvore, figura assombrosa e até mesmo bruxesca, evidencia o processo de colonização, expressando a metaforização de uma mulher amazônida em devir. Em seu caráter tenebroso, a Mulher Árvore projeta a dor da inferiorização e da opressão a partir do elemento insólito presente no real maravilhoso, possibilitando a transformação do olhar em relação à mulher, a fim de enfrentar e transformar as práticas colonizadoras.

A estratégia do medo como instrumento de dominação e inferiorização pode ser observada nas narrativas orais amazônicas que circulam nas comunidades locais e expressam fissuras histórias e culturais. A imagem assombrosa - e ao mesmo tempo monstruosa - da mulher em forma de árvore expressa não apenas a inferiorização e o silenciamento da mulher na Amazônia, mas também a subversão de práticas dominadoras que a oprimiram e a invisibilizaram em suas práticas sociais.

Nas sociedades capitalistas, a aproximação das noções de assombroso, monstruoso e bruxesco com o elemento malinozo tem base em uma perspectiva construída no processo de colonização: a mulher que subverte os padrões estabelecidos é condenada e relacionada ao diabólico. Essa noção impactou e continua a apresentar suas marcas na compreensão e na circularidade das narrativas da região.

Contudo, nas narrativas amazônicas, observamos que o assombroso e/ou o monstruoso não necessariamente estão ligados ao maligno: as criaturas e/ou entidades podem se manifestar como protetoras da floresta ou benfeitoras, concedendo-lhes, a exemplo da Mulher Árvore, um caráter subversivo, que desloca o olhar para a cultura e os processos de dominação e colonização da região. Logo, podemos dizer que a associação do assombroso, monstruoso e bruxesco ao maligno é uma construção do processo de colonização, utilizada estrategicamente na manutenção dos valores patriarcais e da cosmovisão cristã.

A presença do real maravilhoso na narrativa nos permite compreender aspectos específicos da constituição das narrativas da região Amazônica, onde elementos opostos não divergem, mas constituem um “*sfumato*” ou uma “zona difusa” (LOUREIRO, 2015), onde os encantados e as encantarias se manifestam dialeticamente na convergência dos opostos. Nesse

entendimento, a aparência assombrosa e aterrorizante da Mulher Árvore não é sinônimo de perversidade, mas de subversão.

Frente ao exposto, consideramos que as manifestações narrativas da região amazônica apresentam marcas da cultura local e evidenciam valores advindos do processo de exploração e dominação dos territórios amazônicos, expressando as fraturas sociais em relação à mulher e ao processo de opressão e silenciamento impostos pela metodologia do medo, para dominar e explorar seus corpos e suas práticas.

Referências

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The empire writes back** – theory and practice in pos-colonial literatures. London: Routledge, 1991.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros, índios e canibais**: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Autêntica, 2000.

CARPENTIER, Alejandro. **O reino deste mundo**. Tradução de José Manuel Lopes. Espanha: Saída de Emergência, 2011.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JEHA, Julia. Monstros como metáforas do mal. In: JEHA, Julia (Org.). **Monstros e monstrosidades na literatura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 9-31.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. 32. ed. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**. 5. ed. Manaus: Valer, 2015.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra invenção da Amazônia**: religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.

MICHELET, Jule. **A feiticeira**. 2. ed. São Paulo: Aquariana, 2019.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. Histórias de assombração nos territórios da morte em Porto Velho na primeira metade do século XX. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: lugares dos historiadores velhos e novos desafios. **Anais [...]**. Florianópolis, 2015. Disponível em: [1548945020_a5bbb7306290698e338293fb8d64c40b.pdf](https://anpuh.org.br/1548945020_a5bbb7306290698e338293fb8d64c40b.pdf) (anpuh.org.br). Acesso em: 07 jan. 2025.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Cruz credo! Lendo a cidade de Porto Velho por meio de narrativa de assombração. **Humanidades e Inovação** v. 7, n. 23, 2020, p. 97-108. Disponível em: [Narrativas de assombração - cita mulher árvore e mulher cobra.pdf](#). Acesso em: 27 jan. 2025.

RANGEL, Alberto. Maibi. In: RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. 5. ed. Manaus: Valer, 2001.

ROCHA, Carolina. **O sabá do sertão**: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-1758). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TUAN, Yi- Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.